

O MITO DA CAVERNA NA ARTE DE LAVAR AS MÃOS: O PARALELO ENTRE PLATÃO E SEMMELWEIS

Bruno Leandro de Souza

Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado da Paraíba

Platão, nascido em Atenas por volta de 427 a.C., foi um dos pilares fundamentais da filosofia ocidental. Discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, criou a Academia, uma instituição dedicada ao estudo do saber, onde se cultivavam debates filosóficos, matemáticos e políticos. Entre suas obras, destaca-se “A República”, na qual encontramos o célebre Mito da Caverna. Nele, Platão descreve prisioneiros que vivem em uma caverna, acorrentados desde o nascimento, vendo apenas sombras projetadas na parede; para eles, aquelas sombras constituem toda a realidade. Quando um dos prisioneiros consegue se libertar e sair ao mundo exterior, descobre a luz do sol, a verdadeira fonte das sombras, mas ao retornar para contar suas descobertas, encontra resistência, medo e até hostilidade daqueles que permanecem dentro da caverna.

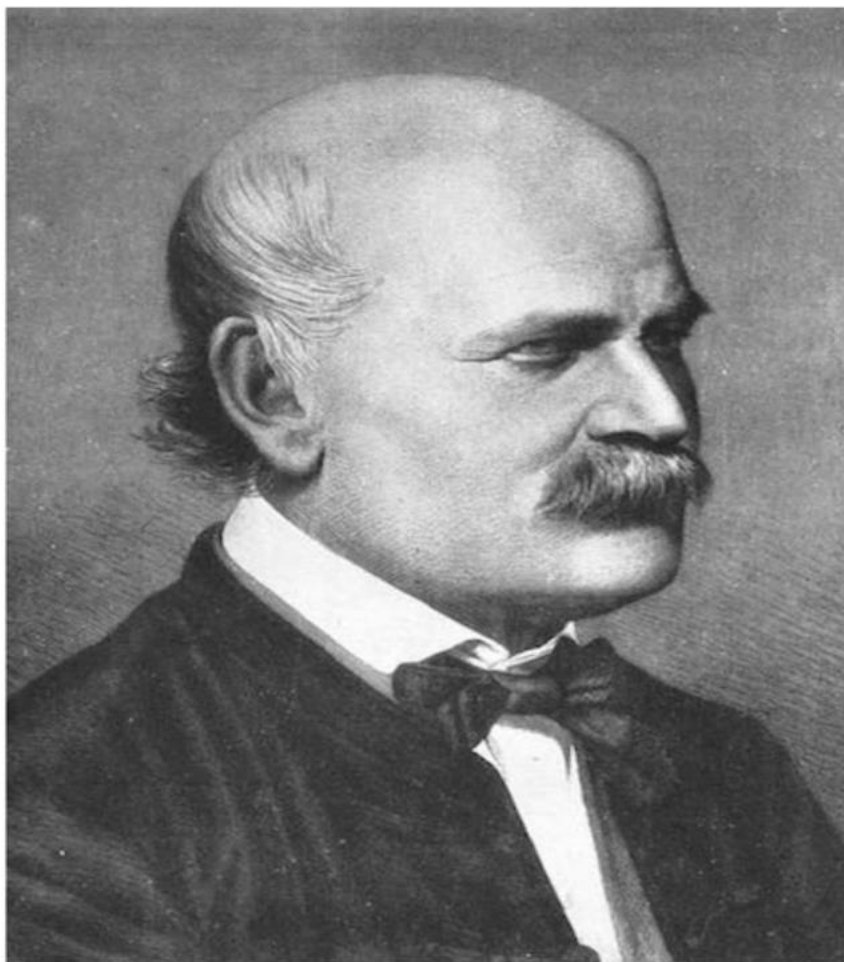
Esse contraste entre a sombra e a luz simboliza a relação entre a ignorância e o conhecimento, o aparente e o real, e expõe as dificuldades enfrentadas por aqueles que descobrem algo capaz de mudar completamente a compreensão do mundo. Essa alegoria se estende muito além de sua formulação grega original, encontrando ecos em acontecimentos históricos que envolvem grandes avanços científicos e barreiras culturais. Um desses paralelos pode ser visto na saga de Ignaz Semmelweis, médico húngaro do século XIX, que lutou contra a resistência da comunidade médica ao perceber que o simples ato de lavar as mãos reduzia drasticamente o número de mortes por febre puerperal.

Semmelweis, o médico fora da caverna

Ignaz Philipp Semmelweis nasceu em 1º de julho de 1818, em Buda, na atual Budapeste, capital da Hungria, pertencendo então ao Império Austríaco. Filho de uma família de comerciantes de origem alemã, Semmelweis decidiu dedicar sua vida à medicina, cursando

inicialmente Direito por desejo de seu pai, mas logo transferindo-se para a Medicina na Universidade de Viena, onde obteve seu diploma em 1844.

Título: Ignaz Semmelweis



Ignaz Semmelweis, (Fonte: Casa de Oswaldo Cruz).

Em 1846, Semmelweis começou a trabalhar no Hospital Geral de Viena, assumindo o cargo de assistente na Primeira Clínica Obstétrica. Ali, confrontou-se diretamente com a terrível realidade da febre puerperal –uma infecção fatal que acometia muitas mulheres logo após o parto. Observando as estatísticas alarmantes, Semmelweis percebeu uma intrigante discrepância entre duas alas do hospital: enquanto a ala conduzida por médicos e estudantes de medicina tinha taxas elevadas de mortalidade por febre puerperal (em torno de 10 a 20%), a outra ala, gerida por parteiras, apresentava taxas muito inferiores (cerca de 3%).

Instigado por essa diferença, Semmelweis investigou minuciosamente as práticas médicas da época e descobriu algo perturbador: médicos e estudantes realizavam exames obstétricos logo após conduzirem autópsias em cadáveres, sem qualquer tipo de higiene. Embora na época ninguém tivesse uma compreensão clara sobre microrganismos ou germes, Semmelweis deduziu empiricamente que “partículas cadavéricas” transmitiam a infecção às mulheres grávidas. Assim, ele introduziu uma medida aparentemente simples, porém revolucionária: obrigou médicos e estudantes a lavarem as mãos cuidadosamente com uma solução de cal clorada antes de examinar pacientes.

O resultado foi surpreendente e inquestionável: a taxa de mortalidade despencou rapidamente para menos de 1%. Contudo, ao invés de reconhecimento e gratidão por sua descoberta, Semmelweis enfrentou imensa resistência dos seus colegas médicos, que recusavam admitir que eles próprios eram os responsáveis pela alta mortalidade materna. Sua teoria foi vista como uma acusação direta à honra médica, levando-o a ser fortemente criticado, ridicularizado e isolado pela comunidade acadêmica e científica.

Profundamente frustrado pela resistência enfrentada, Semmelweis retornou à Hungria, assumindo uma posição no Hospital São Roque, em Budapeste, onde continuou aplicando suas práticas com grande sucesso, mas sem conseguir convencer o restante do meio científico europeu. O constante conflito e isolamento, somados à rejeição sistemática de suas ideias, provocaram um progressivo declínio em sua saúde mental. Em 1865, após apresentar sintomas crescentes de instabilidade emocional, Semmelweis foi internado à força em um asilo psiquiátrico em Viena, onde faleceu em 13 de agosto do mesmo ano, aos 47 anos, provavelmente em decorrência de uma infecção causada por feridas sofridas no próprio manicômio. Sua morte trágica e precoce lembra a situação do prisioneiro da caverna que, ao voltar para avisar os outros sobre a realidade, acaba silenciado e ridicularizado.

Ignaz Semmelweis morreu desacreditado, solitário e sem ver sua descoberta reconhecida em vida. Contudo, pouco tempo após seu falecimento, com a consolidação das teorias sobre germes por Louis Pasteur e Robert Koch, a verdade científica emergiu claramente. Hoje, Semmelweis é lembrado como o “salvador das mães” e pioneiro dos métodos de antisepsia hospitalar. Sua história simboliza não apenas o avanço científico e sua resistência às mudanças, mas também o alto preço frequentemente pago pelos que ousam a “sair da

caverna”, desafiar as verdades estabelecidas para trazer a luz da razão e do conhecimento ao mundo.

A importância do conhecimento e a dificuldade de aceitação

Assim como o prisioneiro liberto na caverna, que retorna para contar aos outros sobre a luz do sol, Semmelweis deparou-se com uma dura realidade: as pessoas não estavam preparadas para acolher sua descoberta. Ainda na primeira metade do século XIX, a ignorância sobre a transmissão de doenças era gigante. A teoria dos germes não era conhecida, e as práticas de higiene hospitalar eram praticamente inexistentes. Nesse contexto, as ideias de Semmelweis sobre lavagem de mãos apareciam como uma verdade tão óbvia quanto a existência do sol fora da caverna, mas que, aos olhos de seus contemporâneos, soavam suspeitas e até ofensivas. Em certa medida, lavar as mãos como prevenção de infecções era visto como uma afronta ao *status quo* ou até mesmo algo humilhante para médicos que, até então, acreditavam ter total assepsia por direito natural de sua profissão ou pelas vestes limpas que usavam.

A febre puerperal (ou febre de parto) era, à época, um verdadeiro flagelo. Mulheres internadas em maternidades e hospitais universitários morriam em grande número logo após o parto, sem que se tivesse clara explicação para o fenômeno. Nesse cenário de incertezas, Semmelweis observou algo fundamental: o índice de mortes era maior em alas onde estudantes de medicina realizavam necropsias e, em seguida, examinavam as parturientes sem qualquer higienização das mãos. Ao estabelecer a correlação, Semmelweis introduziu a prática de lavar as mãos com cal clorada, reduzindo drasticamente as taxas de mortalidade.

Entretanto, assim como os prisioneiros da caverna, a sociedade e muitos colegas médicos eram relutantes em enxergar a “luz”. A adoção de seu protocolo simples e eficaz foi minimizada, criticada e, em muitos lugares, sumariamente rejeitada. A comunidade médica, sustentada por tradições e teorias vigentes (como a dos “miasmas” ou mesmo do desequilíbrio de humores), via nas recomendações de Semmelweis uma ideia estranha ou até mesmo ofensiva à honra profissional.

Há luz fora da caverna

Mesmo depois da morte de Semmelweis, suas ideias, assim como o sol fora da caverna, não puderam ser permanentemente ignoradas. Com o advento de pesquisas e descobertas posteriores, especialmente a teoria dos germes e o desenvolvimento da microbiologia, ficou evidente que a higiene das mãos era fundamental para prevenir infecções. A comunidade científica, gradualmente, teve de reconhecer a validade das ideias de Semmelweis e ajustar as práticas hospitalares.

Da mesma forma que no Mito da Caverna, em que a luz da verdade eventualmente prevalece sobre a escuridão das sombras, a “luz” da assepsia e da antissepsia venceu a ignorância e o orgulho. A ciência, alimentada pela filosofia do conhecimento e pelo espírito das academias desde a antiguidade, pouco a pouco, foi incorporando esses novos valores e revelou o quanto a higiene – outrora desconsiderada – constituía passo essencial para reduzir a mortalidade em hospitais.

O paralelo com a Alegoria da Caverna mostra que a transição da sombra para a luz é muitas vezes dolorosa, pois desafia crenças arraigadas e privilegia uma nova visão do mundo. Semmelweis, como tantos outros pioneiros, pagou um preço alto por sua descoberta, assim como o prisioneiro liberto pagou pelo seu desejo de trazer a verdade aos que permaneceram na escuridão. Contudo, a história nos revela que a luz acaba triunfando: o legado de Semmelweis, hoje reconhecido mundialmente, comprova que a razão e o conhecimento, apesar dos obstáculos, encontram formas de se firmar no curso do tempo. Tal qual Platão exemplificou no Mito da Caverna, pode haver resistência, medo, cegueira inicial diante da claridade, mas a verdade, uma vez descoberta, dificilmente retorna à escuridão.

Referências

- BRITO, Angélica et al. **Microbiologia Médica: princípios e aplicações clínicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.
- COUTO, Ronaldo de Oliveira. **História da Medicina: da antiguidade à atualidade**. Rio de Janeiro: Rubio, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.



LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2021.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. Tradução de Paulo Henrique Bertucci. São Paulo: UNESP, 2015.

SZASZ, Thomas. **Semmelweis: a história trágica de um salvador de mães**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Novo Século, 2006.